

# Um Lamentável Mal-Entendido: as Possibilidades Democráticas em *Raízes do Brasil*

## An Unfortunate Misunderstanding: Democratic Possibilities in *Raízes do Brasil*

Marco Antonio Rossi<sup>a\*</sup>

<sup>a</sup>Universidade Norte do Paraná, PR, Brasil

\*E-mail: travessia21@gmail.com

---

### Resumo

Sérgio Buarque de Holanda foi um dos intérpretes monumentais da sociedade brasileira e sua formação histórica. Em *Raízes do Brasil*, sua obra-prima, publicada em 1936, promoveu um amplo e instigante debate sobre os limites (não impossibilidades) da democracia entre nós, brasileiros, herdeiros de uma colonização brutal e *sui generis*. Este artigo quer refletir sobre a democracia no Brasil, apoiando-se na tentativa de desvendar o perfil do “homem cordial” e as razões de seu profundo desinteresse por uma realidade livre e justa em solo nacional.

**Palavras-chave:** Democracia. Cultura Política. Cordialidade. Elites. Colonização.

### Abstract

*Sérgio Buarque de Holanda was a monumental interpreter of Brazilian society and its historical formation. In Raízes do Brasil, his masterpiece published in 1936, he promoted a broad and thought-provoking debate on the limits (not impossibilities) of democracy among us, Brazilians, inheritors of a brutal and sui generis colonization. This article aims to reflect on democracy in Brazil, supported on the trial to unravel the profile of the “cordial man” and the reasons for his deep disinterest for a free and fair reality in national soil.*

**Keywords:** Democracy. Political Culture. Friendliness. Elites. Colonization.

---

## 1 Introdução

Este artigo é um esforço pessoal na tentativa sempre reiterada de homenagear Sérgio Buarque de Holanda e seu pensamento. O objetivo desta homenagem, portanto, é se juntar aos estudos que reconhecem no autor de “*Raízes do Brasil*” o *status* de grande protagonista na História das ideias em nosso país. Mais do que isso: Sérgio Buarque de Holanda, ao ser justamente eleito um dos intérpretes clássicos do Brasil – ao lado de Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. –, precisa ser revisitado a toda hora, como condição indispensável para que clareemos as imagens e os conceitos acerca do Brasil e de sua latinidade tão particular.

Além de fruto de uma leitura exegética de “*Raízes do Brasil*”, este artigo é resultado de uma consulta plural ao trabalho de cientistas sociais, historiadores e filósofos ocupados no entendimento nacional, um ofício intelectual por si só complexo e invariavelmente dramático. Que estas ideias conquistem êxito na reflexão de seus novos leitores, numa viagem que quer mesmo recuperar o sentido de ser brasileiro e o porquê de a democracia ser em nossas terras uma epopeia de desventuras e mal-entendidos.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 A tradição sociocultural brasileira

Muito já se escreveu sobre as categorias paralelas, para não dizer antinômicas, com as quais trabalha o historiador Sérgio

Buarque de Holanda. Veem-se, pois, em *Raízes do Brasil*, elaborado entre 1934 e 1935, publicado pela primeira vez em 1936, no umbral do advento do Estado Novo, oposições tais quais trabalho vs. aventura, rural vs. urbano, burocracia vs. caudilhismo, norma impessoal vs. impulso afetivo.

Antonio Cândido (2001), em introdução, escrita em 1967, à considerada “obra máxima” de Sérgio Buarque de Holanda, revela que, a par dos tipos-ideais construídos pelo pensamento do autor, o que se vê também é um refinado e acurado processo dialético de análise e reflexão acerca das particularidades e das singularidades da formação social brasileira. Nesse sentido, na melhor tradição do pensamento dialético, trabalhando as contradições do processo que edificou a trama das relações políticas e sociais no Brasil, Holanda (1995, p.180) vaticina que “a história jamais nos deu o exemplo de um movimento social que não contivesse os germes de sua própria negação – negação essa que se faz, necessariamente, dentro do mesmo âmbito”. É nesse ponto que reside a radical postura democrática de Sérgio Buarque de Holanda. Ao contrário das “doutrinas” e do pensamento político-social predominante no Brasil de final de Império e início de jornada republicana, não há em *Raízes do Brasil* – obra que assume a difícil tarefa de dar à luz as bases e os fundamentos da colonização e da influência ibérica na *cultura política* brasileira – *naturalização* de um tipo brasileiro, de um dado sujeito estereotipado em face do qual a democracia e as transformações radicais da esfera política e do modo de ocupar lugar no espaço público

não obtivessem logro, sequer perspectivas.

No interior de sua conceituação mais marcante, a de que para a civilização moderna o Brasil contribuiria com a cordialidade, existem, a meu ver, alguns mal-entendidos, um juízo precipitado sobre o que Sérgio Buarque de Holanda efetivamente quis chamar de “homem cordial”. Em sendo assim, este breve ensaio, modesto em suas intenções, tenciona interpretar, sob a clareira do pensamento contido no interior das próprias *Raízes do Brasil*, algumas supostas contradições imersas em diferentes pontos da prima obra de Sérgio Buarque de Holanda. Assim, ao final do primeiro capítulo, intitulado *Fronteiras da Europa*, segue-se:

No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma (HOLANDA, 1995, p.40).

A essa exposição como associar a ideia democrática de Sérgio Buarque de Holanda contida no sétimo e último capítulo de *Raízes do Brasil*, *A Nossa Revolução?* Mais do que isso: como pensar o considerado “imóvel” e “antidemocrático” *homem cordial* sob o signo de um pensamento realmente democrático, democratizante, otimista em relação aos processos políticos que, para Sérgio Buarque, vinham se desenhando no Brasil desde o duplo advento da Abolição e da República? Soma-se a essas interrogações entender qual seria o lugar dos movimentos de *negação* vislumbrados por Sérgio Buarque no interior de nossa formação patriarcal, rural, de tradição mandonista, verdadeiro arauto da brutalidade e da exclusão social desenfreada perenemente imputada sobre as classes populares no Brasil. Responder a essas inquietações trará, creio eu, uma discussão que possa contribuir para situar *Raízes do Brasil* e seu autor entre aqueles que não temeram a cansa de refletir sobre a democracia e de pensá-la de fato como um horizonte possível e bem-vindo para a sociedade brasileira.

## 2.2 A democracia brasileira: entre o passado e o futuro

Em entrevista às paginas amarelas da Revista Veja, publicada em 1976, Sérgio Buarque de Holanda reitera a ideia de que nunca houvera no Brasil uma efetiva democracia. O historiador volta a afirmar que a condução dos negócios políticos no Brasil sempre estivera concentrada nas mãos de uma camada *miúda* e *exígua* da população, a qual sempre deteve o mérito de decidir e opinar sobre o que deveria e o que não deveria ser feito, sobre o que era permitido e possível, sobre o que era vedado e tido como impossível. Nesse sentido, as camadas populares brasileiras sempre foram

postas à margem dos processos sociais e políticos, ratificando a existência nua a crua de uma elite segregadora e marcada pelas práticas patriarcalistas de violência e de privatização contínua dos espaços públicos em que se definem ditos e rumos da vida política nacional. Uma iniquidade oligárquica – a qual desfazia por completo os caminhos das fronteiras que separam as noções de família e instituições públicas e sociais, as distinções entre vida afetiva e impessoalidade burocrática e democrática – daria, pois, à formação dos espaços políticos brasileiros, bem como ao modo de por aqui se conduzir a economia e a organização da vida social, um forte tom de singularidade, um conjunto de *marcas* que, para Sérgio Buarque de Holanda, tatuaria a ferro e fogo as andanças do Brasil na perspectiva de consolidação de uma nação democrática.

É na compreensão dessas *marcas*, nascidas de um passado colonial que tivera no predomínio das relações sociais de um *mundo rural* sobre a irrupção de uma *hierarquia social urbana* e permeada por relações sociais e políticas de dimensões mais *complexas* (um expurgo das práticas mandonistas e violentas tipificadas como predominantes no esteio das relações rurais no Brasil), que se pode compreender o lugar da cordialidade brasileira, toda ela, segundo Sérgio Buarque de Holanda, fincada sobre um conjunto de fundamentos que nos impossibilitava impulsos realmente democratizantes.

O “homem cordial” seria – e ainda nos caracterizaria, portanto – uma consequência direta e arrefecedora do modo como nossas origens ibéricas, assentadas sobre o culto da personalidade, impediram no Brasil a formação de um princípio de coesão e, portanto, hierarquia na vida social, de que seriam provenientes a universalidade de tratamentos da democracia e a generalização de direitos e deveres edificada sob o prisma dos ideais liberais que promoveram a junção histórica no *Velho Mundo* entre liberalismo e democracia (SALES, 1994).

Assiste-se, pois, debruçando-se sobre a trajetória<sup>1</sup> do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, a uma *marca*, e não a um declínio inevitável da sociedade brasileira que poria à cisma toda e qualquer possibilidade entre nós de um percurso político democrático. Como nos assegura Sérgio Buarque de Holanda – revendo criticamente seu conceito de “homem cordial” na entrevista de 1976 à Revista Veja – a cordialidade do brasileiro valeu-lhe como tentativa de produzir uma grande síntese do que viria a ser de fato o *ser brasileiro*, o que, quarenta anos depois, o historiador considerou uma possibilidade teórica datada, possível e profícua num período em que Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, em *Casa Grande & Senzala* e *Formação do Brasil Contemporâneo*, respectivamente, tentaram no mesmo intuito, cada qual à sua

1 É interessante notar como João Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas, utiliza a expressão trajetória. Para o autor de Primeiras Estórias, a verdade, o fulcro e o sentido da vida e das coisas não se encontrariam nem no seu início (o nascimento, a fabricação), nem no seu final (a realização de um sonho, a produção acabada, a morte), e, sim, em sua trajetória, na busca, na construção que o homem, ao longo da vida, faz de si mesmo e de tudo mais que realiza.

maneira, filiado à sua escola de pensamento<sup>2</sup>. Em se tratando do momento em que concede à Revista *Veja* a entrevista ora em questão, Holanda (1976) considera *Raízes do Brasil* uma obra definitivamente fruto de uma época e, portanto, *superada*<sup>3</sup>.

Nas noções, ou melhor, nas oposições entre as noções de *civilidade* e *cordialidade* expressam-se, sem dúvida alguma, os elementos mais ricos para a elucidação ou, ao menos, o simples clarear das intenções talvez ousadas pretendidas por este ensaio.

Se por cordialidade têm-se indivíduos nada afeitos a padronizações, normas gerais, impessoalidade no trato (relação tida como “fria”, desprovida de “carinho”, atenção...) e, por seu contrário, um indivíduo que procura se conservar e se identificar em sua singularidade, no enaltecimento de sua própria personalidade; tem-se por civilidade uma exigência – que é histórica, é política e é social – de romper com padrões privatistas do mandonismo patriarcal no mundo público: civilidade supõe, pois, respeito à alteridade e desprendimento de posições e intenções particularistas. Daí, crê-se a noção de civilidade (TELLES, 1994). *Prima facie*, Sérgio Buarque de Holanda parece ter por essas oposições, e aqui me refiro em especial às exclusões mútuas entre as ideias de *público* e *privado*, uma análise toda especial, uma vez que, como já mencionado, é nas *categorias paralelas* que dão vida a toda uma tipificação da singularidade da vida política e social brasileira que o autor efetivamente procura lançar luz sobre os processos históricos que compuseram os atos e as cenas da formação brasileira, desde o *iberismo* da constituição colonial até as máculas rubricadas sobre as insurgências imperial e republicana, sobretudo no tocante à organização social brasileira – do poder às relações sociais cotidianas da família, do trabalho, da religiosidade<sup>4</sup>.

Nesses termos – pensando a sobreposição dos particularismos privados (síntese da ideia de cordialidade e

de nosso culto à personalidade) em face da universalização dos interesses coletivos de caráter público (base da noção de civilidade) –, a radicalidade democrática de *Raízes do Brasil* reside no fato de não estagnar o “homem cordial”, em não responsabilizá-lo pelos entraves dados à democracia, em não lhe conferir inaptidões, dificuldades que se assentariam nesse seu malogrado desrespeito às normas, procaz indiferença ao que é de caráter público. Para Sérgio Buarque de Holanda, a desventura democrática no Brasil tinha outras raízes, dizia respeito a males maiores, a problemas crônicos de maior profundidade, quais sejam: o autoritarismo premente das elites oligárquicas que compunham o espaço da política e seus atores a seu bel-prazer; a ausência absoluta de publicização das relações sociopolíticas (outro nome bonito para supressão dos valores de civilidade); e, de forma contumaz, o trasladar constante da noção de comunidade política, pública, coletiva, para o eixo ou o seio dos assuntos familiares, afetivos, domésticos (HOLANDA, 1995; REZENDE, 1996).

A metodologia empreendida por Sérgio Buarque de Holanda, que lhe possibilitou usar categorias paralelas e, ao lado de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, nos anos 1930, formar a tríade dos intérpretes modernistas do Brasil<sup>5</sup>, não apenas o caracteriza como um autor de essência culturalista – mediante a qual jamais se vêem separados os aspectos ligados à *organização social* (a que subjazem as análises sobre domínio político e fundação de formas de exercício concreto do poder) e à *cultura* (formas de associação, pensamento, ação nas esferas públicas e privadas da vida comunitária) –, como também oferece ao seu pensamento e à sua obra um papel singular e de destaque no conjunto dos empreendimentos intelectuais preocupados com o entendimento do Brasil. Assim, na opinião do jornalista Manuel da Costa Pinto, em artigo publicado no *Dossiê Sérgio Buarque de Holanda*, na edição de junho de 2002 da *Revista Brasileira de Cultura* – *CULT* há a seguinte proposição:

2 Segundo Antonio Cândido, Casa Grande & Senzala revelaria riqueza por opor-se ao naturalismo da vida social proposto por intérpretes do Brasil como Oliveira Vianna, Silvio Romero e outros, e, principalmente por oferecer às bases da Antropologia e da Sociologia um conjunto de reflexões que uniria os apelos da vida biológica com os fundamentos sociais que desmentiriam inaptidões *in aeternum* próprias dos brasileiros, como, se acreditava, era o caso da democracia. Já Caio Prado Júnior inovaria por trazer aos estudos de compreensão da formação social do Brasil a leitura e a compreensão do materialismo histórico, informando-nos sobre as condições econômicas do Brasil, produção, distribuição e consumo, nos parâmetros de nossa herança colonial.

3 Longe de querer discordar de seu próprio autor, o que este ensaio pretende é possibilitar vincular *Raízes do Brasil* ao pensamento contemporâneo acerca da democracia brasileira. Assim como afirmara em 1976, Sérgio Buarque de Holanda, a obra maior do historiador já referendava em 1936 quão difíceis e escarpados eram os caminhos da democracia no Brasil, principalmente se tomados à consciência da factível e inexorável presença de nosso passado colonial na cultura política de nossos distintos e variados períodos históricos. Há, pois, premência do mando, dispersão de valores públicos e coletivos, desafinações em relação à construção de um espaço público que supere particularismos e interesses meramente privados de poder e privilégios. Tais quais ontem, esses “meios” de entender a política no Brasil se reproduzem hoje entre nós.

4 Se a democracia pressupõe uma *autonomia* do ser social – emblema que o inseriria num mundo público de homens livres e iguais, sem privilégios, sem diferenciações de status –, Sérgio Buarque (1995) afirma que para o homem cordial a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Daí se intui a aversão do brasileiro a ritualismos, normatizações e a busca desesperada de “enquadrar” todas as suas relações no escopo íntimo da vida familiar, de tratar, pois, tudo e todos como se a vida social fosse uma eterna e prolongada efusão de amizades.

5 As obras clássicas Casa Grande & Senzala (1933), de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior, suplantaram uma historiografia descritiva e uma sociologia positivista (que via determinismos climáticos e raciais por trás dos fatos históricos de nosso atraso e de nossa indolência – como afirmara Paulo Prado em seu “Retrato do Brasil”, na década de 1920), e adotaram uma visão radicalmente diferente sobre a interpretação do Brasil, no escopo das análises que nasciam influenciadas pela Semana de Arte Moderna de 1922. Essa visão enfatizava o viés (palavra horrenda) culturalista, no caso de Freyre e Holanda, e socioeconômico, no caso de Prado Jr. (PINTO, 2002).

Em seu principal livro – *Raízes do Brasil* –, Sérgio Buarque de Holanda faz eco às preocupações metodológicas prementes de sua época, dando um peso equivalente a razões de ordem cultural e econômica na tentativa de definir nossa estrutura social e política [...] Sérgio Buarque teve como matriz fundamental a sociologia alemã, com a qual manteve contato em 1929-1930, quando foi para a Alemanha como correspondente de jornais brasileiros e da Associated Press, entrando em sintonia direta com as figuras e os pensamentos de Friedrich Meinecke, Ferdinand Tönnies e Max Weber [...] É a partir de Weber que Sérgio Buarque cria uma tipologia cujos pares de contrários permitem detectar algumas constantes que perpassam o tecido social do Brasil desde a colônia até o século XX: o trabalhador e o aventureiro; o urbano e o rural; a burocracia e o caudilhismo; a impessoalidade e a afetividade. Tais conceitos mapeiam os traços deixados pela cultura ibérica na estrutura social brasileira e são uma anatomia de nossa identidade: personalismo, carência de uma ‘moral do trabalho’, baixa capacidade de organização social, prevalência do prestígio pessoal sobre o princípio de hierarquia e – como sentimento paradoxal desse sentimento da falta de fundamento do dever – obediência cega à arbitrariedade de fundaduras e instituições como o Santo Ofício (PINTO, 2002, p.51).

Na tentativa de caracterizar uma identidade nacional – ou produzir uma “grande síntese”, como afirmara Sérgio Buarque em 1976 – a tipificação de contrários, dentre os quais se analisa aqui especialmente os de público vs. privado sob o prisma das ideias de civilidade e cordialidade, facilitou a Sérgio Buarque de Holanda a construção de um quadro de possibilidades analíticas sobre o desenvolvimento do Brasil em seus diferentes períodos históricos. Desse modo, ao reiterar constantemente a confusão generalizada que se praticou no Brasil entre o que era de caráter público e o que pertencia à esfera da vida afetiva, doméstica, o autor de *Raízes do Brasil* enfatiza que a democracia no Brasil, importada dos moldes e condicionamentos europeus e usada por aqui para suprir carências e necessidades específicas das elites dominantes, existiu, sim, mas sempre como um lamentável mal-entendido, uma acomodação proposital de interesses particularistas que se salvaguardavam por trás de uma suposta existência de um regime liberal-democrático na vida política do país.

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas. E assim puderam incorporar à situação tradicional, ao menos como fachada ou decoração externa, alguns lemas que pareciam os mais acertados para a época e eram exaltados nos livros e discursos. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e

antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família (HOLANDA, 1995).

A democracia brasileira – e aqui lanço mão de me guiar pela melhor das hipóteses – sempre insurgiu em público por meio de concessões e benevolências das elites agrárias e oligárquicas monopolizadoras dos poderes políticos e econômicos. A *arquitetura liberal* nas instituições políticas brasileiras inexoravelmente revelou, pois, ao longo da trajetória histórica do país, uma enorme e sedimentada “fachada” para promover a privatização do público, de *afetivar* as relações de caráter impessoal, universalizantes, dotadas de senso e conteúdo de civilidade<sup>6</sup>. Em se tratando da contaminação do mundo público pelas particularidades da vida privada, dos assuntos domésticos, o que realmente se evidencia é uma mistura, um processo de amálgama entre as características eminentemente distintas da vida social e da vida política. Nessa mistura, nesse traslado, nasce, ou ao menos se fortalece, o “homem cordial”. Portanto, quando Sérgio Buarque de Holanda vaticina que a privatização do público promoveu o predomínio, em toda a vida social, das mazelas e dos atos particularistas de domínio e exclusão praticados no universo da vida política nacional, pode-se assentir com o fato de que é aí o lugar de *resistência* ao advento democrático no Brasil, quer dizer, é na cordialidade como cultura não apenas política, mas prolongada aos mais recônditos pontos da vida social, familiar, afetiva que fixa morada a *dificuldade da democracia no Brasil*. Mas não a sua *impossibilidade*. O último “itálico” é proposital: dificuldade, não impossibilidade.

### 2.3 Brasil: um país de destino aberto

Em *A Nossa Revolução*, último capítulo de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda empreende um difícil gesto: desenhar, ao menos na teoria e no desejo, uma aventura democrática para o Brasil. Assim, compreende que nossas marcas herdadas de um colonialismo ibérico longo e brutal – de múltiplas formas de exclusão social e privatização das *coisas* de interesse realmente coletivo em prol de particularismos elitistas absortos por trás de uma prolongada e recorrente feição liberal e democrática, idealizada e constituída por oligarcas elitistas e amalocados no poder de Estado em todos os períodos históricos brasileiros – dificultavam – e muito – a convergência de uma sociabilidade democrática e democratizante no Brasil. Mas, não obstante o fato de a toda a hora ratificar que o que aqui de novo surgiu sempre se acomodara sobre esse tapete de cordialidade e apagamento

6 Como muito bem nos assegura George Avelino Filho, a expressão *civilidade* – utilizada neste ensaio como eixo para a compreensão da ausência de um ideal democrático na formação social brasileira a partir da ótica de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* – é pouco, muito pouco corrente na principal obra do historiador paulista. Não obstante, tal qual Avelino Filho, utilizo-a crendo ser fundamental e legítima na intenção de opô-la à noção de *cordialidade*, essa sim demasiado presente em *Raízes do Brasil*. Vale ainda, a título de uma boa nota de esclarecimento, mencionar que, enquanto *civilidade* expressaria de fato a presença da influência da sociologia alemã no pensamento de Sérgio Buarque – revelando seu papel no *desencantamento do mundo* e na edificação de relações sociais marcadas de fato pela impessoalidade e pela existência rígida de normas, padrões e procedimentos universalizantes (tudo isso cada vez mais ligado aos processos de urbanização e industrialização), *cordialidade* ligar-se-ia à cultura ibérica, produzindo uma vasta teia de relações marcadas não apenas pela afetividade e pela “pessoalidade”, mas também pela negação do público (o chamado “indistinto”) e pela privatização de bens, valores e condutas tidas como “indiferentes”, “desumanas”, “rotineiras” (AVELINO FILHO, 1990).

das distinções entre público e privado – a democracia poderia, sim, insurgir, e isso se faz visível por uma das características do autor de *Raízes do Brasil* que não se encontra nem mesmo entre seus parceiros da tríade de *intérpretes do Brasil*: a marca da compreensão do dinamismo da história, das mudanças provocadas a passos curtos, sem visão sequer enevoada do horizonte, mas firme, contínua, dada ao tempo, ao acirramento das insatisfações, aos avanços do caminhar político da sociedade brasileira como um todo, vista de sua base, de uma perspectiva, portanto, vertical. Nesse sentido, julgo profícuo referendar aqui uma nova passagem do jornalista Manuel da Costa Pinto (2002, p.51), da mesma matéria publicada no já citado *Dossiê Sérgio Buarque de Holanda*, segundo a qual

[...] pelo fato de perceber as linhas de força da identidade nacional a partir de seus opostos, a partir de uma relação dialética, *Raízes do Brasil* é um livro atento às transformações pelas quais o país passa no início do século XX – e, nesse sentido, é muito mais contemporâneo de sua própria época do que Casa Grande & Senzala, com sua descrição de um universo estático. Da mesma forma, por ter afirmado mais integralmente o caráter dinâmico da história e por ter uma visão menos idílica do Brasil, Sérgio Buarque assumiu publicamente posições diametralmente opostas às de Gilberto Freyre. Exemplos disso são a Carta de Declaração de Princípios contra a ditadura Vargas que ele assinou em 1945, seu ingresso no Partido Socialista Brasileiro, sua solidariedade aos intelectuais perseguidos pela ditadura militar e seu papel na fundação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, dois anos antes de sua morte, em 4 de abril de 1982.

A coerência entre pensamento e prática de vida, entre desejo expresso em livros, colunas de jornais e militância política faz de Sérgio Buarque um intelectual de seu tempo, às vezes para muito além de seu próprio tempo. Em sendo assim, recordando os movimentos de *negação* que o historiador percebia sempre a nascer no próprio contexto de uma sociedade viciada em refutar ideias e práticas democráticas, possibilita-se, aqui, uma associação entre o que Sérgio Buarque expressa como movimento das bases da sociedade em busca de uma revolução de acordo com nossos critérios, feições históricas e dramas da vida política e o que, em 2001, escreve o sociólogo Francisco de Oliveira (2001, p.60-61):

Todo esforço de democratização, de criação de uma esfera pública, de fazer política, enfim, no Brasil, decorreu, quase por inteiro, da ação das classes dominadas. Política: reivindicação da parcela dos que não têm parcela; reivindicação da fala, que é, portanto, dissenso em relação aos que têm direito às parcelas, que é, portanto, desentendimento em relação a como se reparte o todo entre os que têm parcelas ou partes do todo e os que não têm nada.

Por sua vez, se pensarmos as elites oligárquicas do Brasil como a parcela social e política dos que sempre mantiveram sob suas asas as determinações de como e por que dividir, repartir essas partes do todo (leia-se: inserção na cena pública, aproveitamento da riqueza nacional inegavelmente produzida por muitos e usufruída por poucos, muito poucos), a difusão cada vez mais extensiva e ostensiva de um ideário de cordialidade – conservador, portanto – serviu, no Brasil, para a manutenção de privilégios e, numa medida considerável e densa, para a legitimação de um poder excludente e

privatista, um extirpador, de fato, da participação política e, conseqüentemente, da viabilidade de uma democracia no país. Afere-se, pois, assentir, ainda com Francisco de Oliveira (2001, p.61), que “[...] essa grande operação silêncio, de roubo da fala, que se sintetiza na busca da ‘harmonia social’, é bem o signo da anulação da política”.

O silêncio político a que foram submetidas às camadas populares ao longo do processo histórico de formação social do Brasil concorda bem com o que Sérgio Buarque de Holanda proclama como redução permanente do espaço político pela exclusão e pela marginalização sem fim dos membros dos setores populares brasileiros. É passível de imensurável validade o que o historiador, na entrevista de 1976, revelou, posto que, perguntado se mudaria algo em *Raízes do Brasil* quarenta anos após sua primeira publicação, respondeu.

Muita coisa [...] A idéia básica era a de que nunca houve democracia no Brasil, e de que necessitávamos de uma revolução vertical, que realmente implicasse a participação das camadas populares. Nunca uma revolução de superfície, como foram todas na História do Brasil, mas uma que mexesse com toda a estrutura social e política vigente (HOLANDA, 1976, p.3).

Refletindo sobre a *política de conchavos*, premente e com centenas de maus antecedentes na vida política brasileira, Sérgio Buarque de Holanda via *nos movimentos de negação*, tal qual a assertiva exposta de Francisco de Oliveira, a única possibilidade de enfrentar a cordialidade que, definitivamente, se manifestava nessas práticas elitistas, privatistas, ora civis, ora militares. Premida por sucessões infundáveis de pactos, conchavos, acordos escondidos, a democracia no Brasil e toda a construção que vinha efetuando desde as transformações econômicas, políticas e sociais decorridas com a irrupção da Revolução de 1930 foi “murchando”, perdendo fôlego e cedendo lugar a uma dificuldade cada vez mais dura de sublimar. Esse é o tom da entrevista que, em 1976, tantas vezes aqui já mencionada, concedeu Sérgio Buarque no intuito de rever a sua maior publicação: *Raízes do Brasil*.

### 3 Conclusão

Se a democracia desfalece e capitula diante de um passado ainda vivo e tão mal interpretado – principalmente se tomado pelos equívocos atribuídos a autores como Sérgio Buarque de Holanda -, torna-se cada vez mais visível a constatação de que *Raízes do Brasil* não apenas marcou época; marcou uma nova forma, ainda na década de 1930, de ler, reler, tresler o Brasil. Quero crer que esta rememoração contribua para reavivar não apenas a singularidade de *Raízes do Brasil*, bem como das outras dezenas de obras do historiador *mais-que-centenário*, na interpretação do Brasil e na radical oferta que esse livro destinou às ciências sociais e a todas as demais investigações que se ocupam em decifrar os códigos múltiplos e não raro ocultos da formação social, política e cultural brasileira; mas quero crer também que este ensaio possa (re) animar os que se voltam para leituras clássicas para buscar pistas sobre o que se pensa e se escreve no presente.

A par dessa esperança, não posso deixar de dizer que um democrata tão radical e lúcido como Sérgio Buarque de Holanda, ao precipitar-se em atribuir a *Raízes do Brasil* um lugar empoeirado nas gavetas tantas vezes confusas e pouco visitadas da historiografia e das ciências sociais brasileiras, teve um grande lampejo de modéstia ou, no mínimo, um mal-estar diante da irretocável ilação de que o Brasil percorreu, sim, muitos dos caminhos que, prudente e genialmente, ele havia descrito em suas obras, principalmente em *Raízes do Brasil*. Coisas de um grande intelectual, de um democrata que não se furtou a partilhar seu conhecimento, sua visão de mundo em nome da democracia e da liberdade no Brasil.

### Referências

AVELINO FILHO, G. Cordialidade e civilidade em *Raízes do Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, v.5, n.12, 1990.

CÂNDIDO, A. (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

HOLANDA, S.B. A democracia é difícil. *Veja*, n. 386, 1976.

HOLANDA, S.B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, S.B. A democracia improvisada. In: HOLANDA, S.B. *História geral da civilização brasileira: o Brasil Monárquico, do Império à República*. São Paulo: DIFEL, 1972.

OLIVEIRA, F. Viagem ao olho do furacão. *Novos Estudos CEBRAP*, n.48, 1997.

OLIVEIRA, F. Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal. In: OLIVEIRA, F.; PAOLI, M.C. (Org.) *Os sentidos da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PINTO, M.C. Um intérprete modernista do Brasil: Dossiê Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de Cultura – CULT*, 2002.

REZENDE, M.J. A democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. *Plural. Sociologia*, v.3, p.14-48, 1996.

SALES, T. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.25, 1994.

TELLES, V.S. Cultura da dádiva: avesso da cidadania. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.25, 1994